

PARTE LITTERARIA.

Os Timbiras, poema do Sr. A. G. Dias.

Não podemos formular um juizo sobre o plano total do poema americano — *Os Timbiras* — do Sr. Gonçalves Dias, porque não temos conhecimento senão dos quatro primeiros cantos que o autor publicou em Leipzig em 1847, e nem nos consta que o resto do poema já tenha sido dado á luz da publicidade.

Nossa analyse se limitará, por conseguinte, a alguns detalhes, á versificação e ao estylo.

O Sr. Gonçalves Dias abre o seu poema com uma pequena introdução, que contém a exposição da materia e a invocação. Essa peça contém algumas bellezas; porém infelizmente começa por tres ou quatro versos summamente defeituosos, o que no começo logo de um poema constitue um grave senão. Ao entrar-se no alpendre de um alcácer, onde se espera encontrar maravilhas e esplendores, logo dar-se uma topada, causa uma impressão desagradavel, que muito influe no effeito que sobre nós podem exercer as bellezas que por ventura existem no interior desse alcácer.

Os ritos semibarbos dos piagas
Cultores de Tupau e a terra virgem.
D'onde como de um throno enfim se abriram
Da cruz de christo os piedosos braços;
As festas e batalhas mal sangradas
Do povo americano agora extincto
Hei de cantar na lyra.

O primeiro verso é aspero e ingrato aos duvidos; os tres seguintes, sem primarem pela harmonia, encerram uma imagem sem exactidão. Parece-nos que aquillo que ali se diz da terra de *Tupan* competeria melhor ao calvario. Dizer-se que da America enfim se abriram os piedosos braços da cruz de Christo, dá a entender que a America foi o berço do christianismo.

Como de um throno — é uma comparação vaga e sem analogia, que não dá vigor nem belleza á idéa do poeta, e parece não ter sido empregada senão para encher a medida do verso.

Feito este pequeno reparo sobre a introdução, entremos na analysa do estylo em primeiro lugar, e depois da versificação do poema em geral.

O assumpto que o Sr. Gonçalves Dias escolheu para cantar offerece por certo largo e fecundo campo á inspiração do poeta; e ninguém mais do que o autor do — *Y-juca-pirama* — do gigante de pedra, e de outras composições americanas de incontestavel merito, parecia apropriado para cantar as festas, os costumes e as batalhas mal sangradas do povo americano, em um poema de mais comprido folego.

Entretanto, cumpre confessal-o, o Sr. Gonçalves Dias em seu poema dos *Timbiras* não correspondeu a essa expectativa.

Posto que aqui e acolá se encontrem raras algumas bellezas, dignas do cantor da terra das palmeiras, comtudo não se póde desconhecer que, em geral, esses quatro cantos do poema do Sr. Gonçalves Dias ficam muito á quem das esperanças que se depositavam em seu autor. Nem o estylo, nem a versificação, nem o pensamento e as imagens estão na altura do assumpto e do poeta que o escolheu para cantar.

O estylo do Sr. Gonçalves Dias nos *Timbiras* é quasi sempre prosaico, frio, descorado; sua dicção enleada e obscura, sem precisão, nem vivacidade.

Diz-se-lhe que o Sr. Gonçalves Dias em sua linguagem só visa á pureza classica;

entretanto é esse mesmo cuidado que elle toma de pautar o seu estylo pelas fórmulas de Filinto, Garret e Alexandre Herculano, que mais prejudica a sua obra, o lhe tira todo o tom de uma verdadeira e espontanea inspiração. Essa linguagem, que tanto folgamos de ver nos fastos e nos contos de Filinto Elisio, ou nas paginas brilhantes do *Eurico*, parece-nos impropria, mal cabida e anachronica no meio das florestas virgens da America.

O Sr. Gonçalves Dias leva tão longe o *lusitanismo* da linguagem, que chama *donas* as mulheres *Timbiras*; nesse caso deveria dar tambem o predicamento de dom ou donzel nos guerreiros selvagens. Chateaubriand nunca se lembrou de chamar *dames* ou *damoiselles* as mulheres da tribu dos *Natchez*.

De certo esse estylo, todo á portugueza, todo hericado de archaismos, todo repassado de classismo, não quadra bem nem á terra de *Tupan*, nem á indole e costume do povo americano, e nem tão pouco á quadra em que vivemos, em que a lingua portugueza tem soffrido profundas modificações; e posto que vulgarmente anda toda envasada do vicios e gallicismos, o muito tenha perdido de sua primitiva pureza e valentia, comtudo muito tem ganho em riqueza, elegancia e flexibilidade.

Tratar de um assumpto americano com a genuina linguagem dos quinhentistas é quasi o mesmo que apresentar os guerreiros selvagens da America envergando as armaduras de ferro dos antigos cavalleiros portuguezes. Essa linguagem gothica não quadra e nem se presta de modo vantajoso á descripção dos costumes e narração dos feitos dos primitivos habitantes da terra de Santa Cruz.

Dissemos que o estylo dos *Timbiras* é geralmente descorado e frio; é cousa facil de provar-se em qualquer pagina desse poema que se tenha diante dos olhos; e talvez esse defeito lhe provenha desse demasiado purismo que o autor affecta em sua linguagem.

Os manitós, que moram pendurados
Nas tabas de Itajuba, que as protejam.
O terror do seu nome já não vale,
Já deflensão não é de seus guerreiros.

Mais prosaicos versos do que estes nem o Sr. Magalhães no seu poema — A confederação dos *Tamoyos* — poderia fazel-os.

Mais adiante:
Corre Jatyr nos bosques, diz um chefe,
Bem sabes como: acinte se desgarrá
Dos nossos; anda só, talvez sem armas.
Talvez bem longe; accordo nelle é certo,
Creio, de nos taxar assim de fracos.

Que frieza de expressão! Que fraqueza de estylo! Que deleixo no metro! Qualquer pessoa que tivesse de enunciar esse pensamento, espontaneamente se exprimiria com mais graça e animação do que o tal chefe.

Em trechos dessa natureza abunda o poema do Sr. Gonçalves Dias; para não sobrecarregarmos de citações o presente artigo, contentamo-nos com os que vão indicados.

São bellas as palavras, que o poeta põe na boca do velho *Ogib* em desaffronta de seu filho *Jatyr*, de quem seus companheiros, como se vê dos versos, que acima citamos, se quixavam por andar sempre só, como para tachal-os de fracos.

São torpes os annúas, que bandos folgam,
São mãos os caytetús, que em varas pascem,
Sómente o Sabiá geme sozinho
E sozinho o condor aos céos remonta.
Folga *Jatyr* de só viver consigo;
Em bem, que tens agora, que dizer-lhe?
Esmaga o seu tacape, a quem vos prende,
A quem vos damna, affoga entre seus braços,
E em quem vos accommette, emprega as settas.
Fraco! não temes já, que te não falte.
O primeiro entre vós, *Jatyr*, meu fillio &

Posto que seja bastante frivolo o motivo da colera do velho *Ogib*, alguns desses versos são felizes e harmoniosos. Mas este verso fraco e prosaico,

Em que vos accommette, emprega as settas.

no fim de um periodo, e depois de dois outros versos mais cheios e valentes, produz muito máo effeito.

A lucta entre os dois chefes selvagens descripta no primetro canto, se não é inteiramente destituida de graça e onergia, comtudo não apresenta notaveis bellezas.

Para descrever os dois chefes, o Sr. Gonçalves Dias não acha senão as côres mais communs, imagens já mil vezes repisadas; nenhuma só idéa nova, nenhum rasgo de originalidade, nenhum verso desses felizmente inspirados, que se gravam por si mesmos na memoria do leitor. Leiamos.

São ambos fortes: o *Timbira* hardido,
Esbeto como o tronco da palmeira,
Flexivel como a flecha bem tallada,
Ostenta-se robusto o rei das selvas:
Seu corpo musculoso, immenso, e forte
E' como rocha enorme, que desaba
Da serra altiva, e cãe no valle leiteira.
Não valle humana força desprendel-a
D'alli onde ella está: fugás corisco
Bate-lhe a calva fronte sem paril-a.

Todo esse trecho nem pelo lado da harmonia metrica, nem pelo brilho ou novidade das comparações, nem pela força e colorido do estylo se torna recommendavel. O ultimo verso destinado a exprimir uma idéa forte, é duro ao ouvido na verdade, mas froxo na expressão; faz lembrar este outro verso de um poeta, que nos lembramos ter lido

... Como o marmor
Onde o raio resvala, e não penetra.

Admiravel habilidade de enfraquecer pela expressão uma idéa forte!

(Continua.)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

SERRO, 13 DE SETEMBRO DE 1858.

Foi em extremo applaudido em toda a provincia o baque do fatal ministerio Abaeté. A corrupção, de que se rescentia cada camada de nossa sociedade na capital do imperio, havia já alagado toda esta provincia, e enfudava-se neste desventurado *Serro-frio*, onde a familia C. para seu exclusivo interesse tem *matado* lentamente todas as aspirações do verdadeiro patriotismo. A reacção medonha de 1848 deu a luz um parto desastroso. Um homem obscuro, sepultado em seu nada é elevado até a augusta representação nacional, zomba inteiramente dos poderes confiados por seus committentes, abusa desse poder, e forma neste termo um simile da oligarchia cortesã. Desde então a paixão dominou; o interesse dessa familia teve um *amplivago* desenvolvimento e qual astro presago de desgraças impoz silencio aos mais distinctos campioes das idéas dominantes.

Nem um só deixou de experimentar o arrojo de um despotismo feroz enrincheirado na ignorancia e no odio profundo encarnado nessa gente. Conveio-se no silencio: e o campo inimigo ficou no dominio liberticida: tudo correu a vontade destes meus senhores, que só não praticaram o que não quizeram. Apenas despontou um horizonte mais risonho, nenhum esforço, ainda mesmo o mais desesperado, tem sido poupado para a conservação de tal, e tão funesta ordem de cousas. Esta desditosa provincia outrora tão rica em illustração, tão fecunda

em oradores eloquentes vê-se hoje representada por um *distico gravado na hecatombe d'uma idéa generosa*, pelo heróico do Maranhão, e por outros *arrolhadores*, quando seus representantes posavam, e *posavam* na balança politica!... Hoje jaz como uma estrangeira, desconhecida, e condemnada a viver na obscuridade por causa de tal systema; é a trovã medonha, que teme a luz do dia. A mediocridade, a aprendizagem, a ineptia mesmo vem nesta quadra administral-a. A energia de administradores foi banida, e sómente impera sobre os tuos presidentes a vontade imponente dos deputados de circulo! Tães são os phenomenos que com bastante pesar, confesso ter observado nas duas ultimas *presidencias Carneira e Josepha*! Todos os *synthomas* de fraqueza estão visivelmente a luz do dia: Torna-se insustentavel um esbirro de deputado; consulta-se a sua vontade; denuncia-se um facto escandaloso — como autoridades passearem com criminosos, scoital-os em sua fazenda, protegel-os francamente; ouça-se seus patronos! ora isto é que é corromper a sociedade em grande escala, é abusar do governo e do bom senso da nação. Que paradeiro terá tanta immoralidade de administração? Qual será o futuro que nos antolha? Concedoo-se 2,000:000 para a picada do S. Matheus e até hoje o publico não teve noticia delles; convém saber como foram gastos, mórmente estando tysicsos os cofres provinciaes. Convém tambem saber se é verdade que a policia aqui entrega-se ao azar das cartas com seu filho, e genro, pois sendo expressamente prohibido por lei, é além disto um triste exemplo que dá.

O espirito publico actualmente já se vai revoltando com o peso da *crux* sobre que vive um judeo; já parece esforçar-se por alijal-o, embora a nuvem sinistra de esbirros de policia esteja agitada. Crimes, recrutamento, ameaças erguem á tempos surraiteiramente sua hedionda cabeça contra os que julgam o paiz sua herança.

O governo central deve olhar para esta provincia com olhos de compaixão; não queremos favor, mas sómente justiça imparcial. Um administrador sabio e energico, que governe, e não seja governado, é condição essencial que ella reclama unisona em prol de seus interesses. A moderação e justiça é entendida aqui ao inverso, como passo a mostrar por um sim ples facto praticado pelo Sr. José Delfino. Ha dez annos pouco mais ou menos Fr. Bernardino foi onviado para as matas do *Pegonha*; estabeleceu-se no *Jacury*: edificou um templo magnifico com esforços e sacrificios sobre humanos: fundou no coração daquella virgem floresta uma povoação, que prospera rapidamente, civilizou aquelles povos; estabeleceu a paz e a tranquillidade no seio das familias; cohibiu com a força de sua palavra, e exemplo os crimes, e os vicios; prestou a causa da sociedade, e da igreja serviços relevantissimos. Em 1856 com o novo systema eleitoral a luta quasi extincta dos velhos partidos reviveu; a autoridade triumphou em quasi todo o circulo: mas sendo derrotada naquella nova freguezia, para onde tinha o delegado mandado boa copia de força, e 14 cabalistas, ella empregou todos os manejos, que lhe são proprios: annulou a eleição: derrotada mais uma vez ordenou ao *celebrissimo Dr. M.* que a supprimissem, o que não tendo este podido obter, no auge de sua furia, disse ao *presidentinho* que o padre é revolucionario, immoral, agitador da tranquillidade, etc., etc., systema proverbial no tal *Dr. M.* O presidente manda logo ao bispo uma portaria para sortir o fim desejado pelo delegado, que ainda na ul-

o príncipe pelo estado mais que nunca embarcado de seus negócios se viu obrigado a consentir em seu funesto casamento com a princeza Carolina de Brunswick, tiveram os whigs occasião de abandonar-o por seu turno. O príncipe tinha-se resignado a essa união que contrariava seus hábitos e sobretudo suas relações com mistress Fitz-Herbert, pela promessa de obter-se que o parlamento pagasse suas dividas e lhe determinasse um augmento de dotação. Foi então o rei quem solicitou o parlamento o Pitt quem encubriu as prodigalidades do príncipe. Segundo disse então o ministro, essa era o ultimo pedido de tal genero que se fazia ás camaras em favor do herdeiro presumptivo cujo casamento era o melhor mais seguro da reforma de seu anterior procedimento.

De nada menos se tratava que de uma pensão de cento e vinte cinco mil libras, além de outra somma que sob a inspecção de pessoas nomeadas pelo parlamento, devia ser empregada no pagamento gradual das dividas do príncipe. A todos causou admiração ouvir M. Grey declarar-se contra as sommas pedidas com condições tão pouco lisonjeiras para o príncipe, e dizer que se a recusa do parlamento devia mortificar o príncipe, de outro lado com ella recebia elle uma lição de prudencia para o futuro. M. Fox não foi tão acerbo na expressão; elle só lembrou que em 1787, por parte do príncipe e em seu nome já se havia feito a promessa de que elle nunca mais se collocaria em semelhante estado de necessidade. Só Sheridan, fiel ás recordações de uma amizade de que havia sido confidente e que testemunhára bastantes desvios, Sheridan, que mais tarde devia morrer em completa e cruel penuria, fez ouvir palavras de indulgencia, intercedendo pelo real dissipador com uma generosidade que foi mal interpretada por seu partido e que em muito o prejudicou. Em abono da verdade se deve acrescentar que se os whigs se mostravam incredulos quanto a conversão do príncipe, apesar de seu curamento e de seus 33 annos de idade, nenhuma injustiça com isso lhe fizeram; pois que de 1793 a 1810, por duas vezes ainda foi necessario pagar-se suas dividas.

Em principios de 1801, Jorge III teve um accesso de sua enfermidade do qual se restabeleceu em vinte e oito dias, e recaindo de novo em 1804, o parecer dos medicos ainda foi que o caso não era para declarar-se a suspensão da autoridade real. Todavia o sello grande foi impresso por commissão em diversos bills que tinham já passado em ambas as camaras.

A estas ultimas circumstancias, como em 1788 ainda se agitou a questão da regencia do príncipe—elle porém nenhuma impaciencia manifestou por mudar a sua condição de herdeiro presumptivo excluido dos negocios, pela de regente—e com justiça se deve dizer que o príncipe em tempo algum pareceu ambicionar a autoridade que para elle sempre havia sido severa e algumas vezes injusta. Sendo os príncipes seus irmãos incontestavelmente tratados com mais indulgencia e consideração, todavia o príncipe só em uma occasião mostrou-se ressentir-se por essa differença.

(Continúa.)

NOTÍCIAS DIVERSAS.

Viagem Imperial.— A esquadilha imperial chegou á Bahia á 6 do corrente, e depois de uma viagem incommoda em

razão da chuva, e do muito mar. A recepção, que tiveram Suas Magestades foi esplendida e entusiastica.

— **Ministro plenipotenciario.** — O Sr. Christie acha-se nomeado ministro plenipotenciario da Gran-Bretanha junto á corte do Brasil.

Segundo nos assegura o correspondente do *Jornal do Commercio* em Londres, nessa escolha foi lord John Russell guiado pelo desejo de estabelecer melhores relações com o Brasil.

O Sr. Christie, acrescenta o correspondente, é homem chão, sincero, sério e sem affectação; foi agora promovido, não porque tenha influencia politica, nem relações aristocraticas, mas porque possui as melhores habilitações para desempenhar o cargo que lhe vai ser confiado. Vai ao Brasil expressamente para rever a posição do paiz, informar sobre sua situação, predizer o seu futuro até onde pôde alcançar a previsão humana, e ajudar a remover, se for possível, a má vontade que a tantos annos subsiste entre os governos das duas nações, cujos reciprocos interesses materinaes são os mesmos. O bom resultado dessa missão depende tanto delle como dos brasileiros.

— Falleceu o Sr. barão de Pirahy, um dos mais importantes fazendeiros da provincia do Rio de Janeiro.

— **Novas publicações.** — Recebemos os primeiros numeros dos *Exercícios litterarios do Club scientifico*, folheto, que se começa agora a publicar em S. Paulo por uma associação de — Academicos — e do *Itororó*, jornal scientifico, politico, litterario e artistico, publicado em Santos.

Saudamos com prazer os novos luctadores da arena litteraria, entre nós ainda tão inculta e deserta, e fazemos votos para que não recuem na carreira, que tão brilhantemente hão encetado.

PARTE LITTERARIA.

Os Timbiras, poema americano pelo Sr. Gonçalves Dias.

(Continuado do n. 55.)

Antes de proseguirmos na analyse que encetamos em o numero passado, do poema — Os Timbiras — do Sr. Gonçalves Dias, cumpre-nos fazer uma pequena observação prévia, que não será de todo inutil.

Quando nos propuzemos a fazer esta analyse critica das obras de nossos autores nacionaes contemporaneos, não tivemos em vista por fórma alguma fazer dissertações, nem nos submettemos a um plano regular e premeditado. Vai ao correr da pena, e conforme a associação de idéas mais ou menos caprichosa, que no momento se nos offerece ao espirito. Não queremos propriamente *escrever*, mas conversar com os nossos leitores, porque julgamos que esta fórma que adoptamos em nossos escriptos, facilitando-nos a enunciação de nossos sentimentos e idéas, inspirará mais interesse ao leitor. Por isso ninguem repare, se nestes entretenimentos reina toda a franqueza, desleixo e abandono de uma conversação familiar; ninguem estranhe tambem se não os sobre carregamos de todo o ouro pel da erudição, se não fazemos continuas allusões aos vultos proeminentes da moderna litteratura européa, se a cada passo não fallamos em Goethe, Schiller, Klopstock, Heine, Byron, etc., se não invocamos em nosso auxilio a cada momento a autoridade

de de Schlegel, Villemain, Planche, e outros.

Voltemos ao Sr. G. Dias.

A falla, que o filho de Jagnar no canto primeiro dirige no medroso Jurucey, que começa por este verso:

Trás tu, Jurucey, por mim dizer-lhes...

a despeito de conter alguns versos vulgares, algumas phrases não mui felizes, não deixa de ser bella, e de caracterisar de um modo brilhante e energico o heróe do poema.

Itajuba, vendo a multidão de guerreiros que das florestas acodem ao som de seu memby tronante, exclama com orgulho:

..... Tupan sorri-se la dos astros

..... lá descuidosos

Das folganças do Ibake heroes timbiras

Contemplão-me das nuvens debruçados

E por ventura de lhes ser eu filho

Enlevão-se, e repetem não sem gloria

Os seus cantores de Itajuba o nome.

Estes versos são bonitos pelo pensamento e pela fórma; são cheios e sonoros, o que bem raras vezes se nota no geral do poema, cujos versos são quasi sempre prosaicos, seccos e sem harmonia, como se vê na descripção que se segue dos heróes Timbiras, que o poeta, á maneira de Homero, vai passar em revista.

Vem primeiro Jucá de fero aspecto,
D'uma onça bicolor cahe-lhe na fronte
A pelle vistosa; — sob as hirtas cerdas
Como surrindo, alvejam brancos dentes,
E nas vasias orbitas lampejam
Dois olhos fulvos, mãos.

Alvejam brancos dentes — é um pleonasmo indisculpavel, e foi sem duvida por descuido que elle cahio da penna do autor; mas o que de maneira alguma se pôde comprehender, e nem se attribuir a descuido, é como possam nas orbitas vasias de uma pelle de onça lampejarem dois olhos fulvos, mãos; e é o proprio poeta que o diz por essas formaes palavras! As orbitas estão vasias, e entretanto nellas lampejam olhos!

O trecho em que o poeta conta a proeza do Japy, o atirador, é tão enleado e obscuro, que só depois de segunda e terceira leitura é que se atina com o pensamento que o poeta quer exprimir. E mesmo depois de se ter atinado com elle, não se fica muito satisfeito, porque não parece grande proeza, e digna de ser tão amplamente descripta, o ter pregado um susto a um javaly.

Deixemos o primeiro canto, que não é mui fecundo em bellezas, e cujos principaes defeitos, — que são os mesmos que reinam mais ou menos em todos os outros, — já temos assignalado. Passemos ao segundo canto.

Abre o Sr. Gonçalves Dias este segundo canto com a descripção das approximações da noite.

Ainda bem! é a primeira vez que no presente poema deparamos com o autor fazendo uma pintura das scenas da natureza americana. Sem duvida o cantor das proezas dos filhos das selvas, o poeta americano por excellencia, vai nos dar um painel rico de originalidade e de côr local; o descer da noite sobre a floresta, onde se acham assentadas as tres tabas de Itajuba, deve ser sem duvida um espectáculo solemne e inspirador, e o poeta de certo o vai reproduzir com côres vivas e bem caracteristicas. Leiamos.

Desdobra-se da noite o manto escuro:

Leve brisa subtil pela floresta

Enreda-se e murmura; — amplo silencio

Reina por fim. Nem saberás tu como

Essa imagem da morte é triste e torva,

Se nunca a sós contigo a presentiste

Longe deste zunir da turba inquieta.

No ermo sim; procura o ermo e as selvas

Escuta o som final, o extremo alento,
Que exhala em fins do dia a natureza!
O pensamento, que incessante voa,
Vai do som á mudez, da luz ás sombras,
E da terra sem flôr, ao céu sem astro,
Semelha á fraca luz, que ainda vacilla
Quando em ledo sarão o extremo accorde
No deserto salão geme e se apaga!

O que pinta o poeta nestes versos? a tarde, essa hora, que serve de transição do dia para a noite, ou a propria noite? No 1.º verso desdobra-se já o manto da noite; mas a descripção que segue só quadra á hora do pôr do sol, ou ao crepusculo.

Se o autor descreve a tarde, não ha muita propriedade em chama-la a *imagem da morte*—triste e torva. A approximação da noite no meio dos desertos da America é um espectáculo solemne e grandioso, e não lhe quadram bem esses dous epithetos tão asperos, tão seccos, que collocados no fim do verso produzem muito máo effeito.

Nos seguintes versos o poeta já não descreve mais; enreda-se em delicados e engenhosos pensamentos, que pouco ou nada pintam, e o painel da tarde, que o poeta quiz executar, ficou delineado com côres tão fracas, que nem um só traço delle nos fica impresso na imaginação. De côr local nem o mais leve toque; essa descripção, que ali lomos, pôde caber igualmente ás tardes na Siberia ou no Brasil, na cidade ou no deserto, no Zahára, ou no Amazonas, no alto mar, ou no sertão; entretanto parece-nos que em um poema dessa natureza, uma côr local bem pronunciada, bem viva, devia constituir um dos seus principaes meritos.

É este tambem um defeito de que se resento todo o poema do Sr. Gonçalves Dias. A descripção das scenas da natureza e da physionomia do paiz, em que tem lugar as acções do poema, são cousas de que elle pouco se embarça; e seus quadros semelham por isso certas pinturas indias, cujo fundo fica todo em branco. Teremos occasião de voltar a este ponto.

Agora repousemos um pouco o nosso espirito sobre o episodio de Coema, um dos poucos trechos do poema, em que algumas bellezas notaveis fazem esquecer os graves defeitos, que reinam por todo elle.

(Continúa.)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Aos Srs. eleitores do circulo de S. João d'Elrei.

O abaixo assignado tendo-se apresentado candidato a um dos lugares de deputado por esse circulo na proxima eleição provincial, declara que não ha desistido da sua candidatura, e que são infundados os boatos adrede espalhados para arredar a confiança de seus amigos e de muitos eleitores que pretendem honral-o com o seu voto.

O abaixo assignado faz esta declaração para protestar contra esses boatos, e prevenir o corpo eleitoral de S. João d'El-rei que continúa firme no proposito, qualquer que seja o resultado da causa.

Mar de Hespanha 4 de outubro de 1859.

JOSÉ DE REZENDE TEIXEIRA GUIMARÃES.

Muita attenção.

Prepara-se outra *chappelleida* no mesmo estylo poetico — heróe-comico-satyrico — dividida em duas partes: a primeira constará da — pomposa entrada nos seus

por isso o ministerio Grenville reputado como conforme ás opiniões do principe de Galles.

Porém pouco tempo durou para o principe esse triumpho ou vantagem, se vantagem se pôde dizer que para elle houve com a elevação dos whigs. Fox morreu quasi tão prematuramente como Pitt; e Jorge III firme no partido que adoptára de confiar o poder ao partido que se apresentava mais forte, chamou os amigos e discipulos de Pitt, Perceval, Castlereagh, Canning, lord Hawkesbury. Depois de Fox, eram estes os homens mais notaveis da Inglaterra.

Este novo ministerio, formado em 1807, modificado frequentes vezes, mas sempre presidido por M. Perceval segundo o systema de Pitt, achava-se ainda no poder em 1841 quando para o principe de Galles terminou a exclusão a que se tinha visto condemnado desde sua entrada no mundo, pelas desconfianças de seu régio pai. O principe contava então 49 annos de idade Jorge III tendo cahido no estado de profunda demencia de que só o livrou a morte, não pode por isso abrir a sessão de 1811 que era a quinquagesima de seu reinado. Em vão se esperou quinze dias, reunindo-se por fim o parlamento espontaneamente como em 1788. As resoluções que então Pitt havia conseguido, foram outros tantos precedentes que serviram para a actual situação. M. Perceval quasi que seguiu á risca o exemplo dado por seu illustre mestre e antecessor. Como este, elle igualmente escreveu ao principe de Galles para participar-lhes as restricções que se propunha apresentar juntamente com o bill da regencia.

Estas restricções erão menos rigorosas, não se tolhendo ao principe a faculdade de modificar a administração como julgasse melhor. O principe respondeu referindo-se á carta que outr'ora havia escripto a M. Pitt. Os membros da familia real protestaram contra as restricções, como o haviam feito em 1788. Como então, o bill igualmente se fundava na flicção do consentimento do rei vivo, mas impossibilitado de obrar ou de deliberar por si mesmo. As restricções só deviam durar até o anno seguinte de 1811; seis semanas depois da convocação do parlamento, ellas cessavam de direito, salvo o caso de serem prolongadas por um novo acto do mesmo parlamento.

Esperavam todos por uma grande mudança na administração, designando-se a lord Grey e lord Grenville como os encarregados de formar um novo ministerio whig; mas nada disto aconteceu. O regente escreveu a M. Perceval para assegurar-lhe o seu apoio, dizendo-lhe que considerava o systema até então seguido como a expressão da vontade do rei, e que, na incessante esperança que nutria pelo restabelecimento de seu pai, como mostra de respeito a elle julgava que nada devia alterar do que fosse futura sua. E' verdade que nesse primeiro anno ninguém desesperava ainda de ver o rei restabelecido de sua enfermidade, e teria sido impolitico que o regente tentasse reformar o que não pudesse sempre sustentar. Além disto, entre os proprios whigs, poucas pessoas se encontrariam que se quizessem expôr ás alternativas dessas melhoras do rei que se tinham tornado habituaes no decurso de vinte annos.

No anno seguinte, já as circumstancias não eram as mesmas: já nenhuma esperança havia que o rei pudesse ainda cobrar o uso de suas faculdades—Quando expirou o prazo das restricções que o bill da regencia consignara, restricções essas que foram substituidas por outras mais brandas, o principe dirigio a seu

irmão o duque de York uma carta em que testemunhava sua satisfação pela conducta do ministerio e em que igualmente mostrava o desejo de que lord Grey e lord Grenville fizessem parte da administração, dando-se assim uma fusão dos antigos partidos de Pitt e de Fox—Lord Grey porém respondeu que lhe era impossivel unir-se a uma administração cujas opiniões divergiam das suas em mais de um ponto essencial—Lord Grenville do mesmo modo apresentou as razões que tinha para não poder satisfazer o desejo do principe regente; e por isso foi inteiramente abandonada a idéa da fusão.

Entretanto no proprio ministerio Perceval, davam-se profundas divisões—O marquez de Wellesley queria rivalisar de influencia com M. Perceval, tendo cada um d'elles seu partido na administração—O principe de Galles inclinou-se para o lado de M. Perceval, pelo que teve o marquez de Wellesley de retirar-se, cedendo a lord Castlereagh a pasta dos negocios estrangeiros.

Formou-se então um ministerio determinado a continuar a politica de Pitt em relação á França, e ao continente e por isso tornou-se impossivel o excesso dos whigs.

Foi n'esta occasião que se manifestaram as amargas censuras dirigidas ao principe, pelo pretendido abandono em que deixara a seus antigos amigos e aos principios que até então havia professado. Nós, escriptor francez, não podemos deixar de recordar com magoa que a essa estreita alliança entre o regente da Inglaterra e os homens a quem Pitt legára seu odio contra Bonaparte representante corôado da revolução, é que foram devidos nossos ultimos revezes; que foi essa alliança que nos arrancou Portugal e a Hespanha, que nos provocou a fazer a guerra da Russia e que por ultimo encarniçou contra os destruzados restos de nossas infelizes legiões, toda a Europa em 1813 e 1814. Era porém necessario que um principe inglez se mostrasse inglez, por mais inclinado que se sentisse, pela natural rectidão, a approvar os principios de nossa revolução—O principe de Galles achára em 1811 a Inglaterra empenhada em uma luta da qual era forçoso que sahisse victoriosa, sob penna de ficar anniquillada. Os decretos expedidos de Berlim tinham destruido seu commercio; a honra de suas armas tinha ficado comprometida na Peninsula; seus thesouros tinham-se derramado por todos os gabinetes da Europa, para alimentar a guerra. A paz sem a victoria teria arrastado a sua ruina; e os whigs tinham por si o defeito ou a desgraça de desejar a paz.

Elles tinham querido inutilmente obter a em 1793; tinham—a imposto a Pitt em 1802; tinham-se esforçado pela continuação d'ella, contra a opinião de toda a Inglaterra em 1804—Durante o curto ministerio de Fox, elles se tinham visto na triste necessidade de protestar contra o triumpho das armas inglezas na Hespanha e nas guerras maritimas. Por ultimo ainda pregavam a paz e della faziam uma das principaes condições de sua entrada para o poder. Por certo teriam elles excelentemente servido a causa da civilização e do genero humano, se fosse possivel fazer cessar o ciúme e a rivalidade que será eterna entre a França e a Inglaterra; mas enquanto ellas se odiassem, é manifesto que os whigs não podiam presidir aos destinos de seu paiz.

Pelo contrario os homens da escola de Pitt, com o que não queremos dizer os tories, tinham feito da guerra contra a França a divida do seu partido: elles a pregavam e adoptavam com uma energia,

paixão e sobretudo com tal indifferença pela escolha dos meios, que apesar de motivar um justo ressentimento de nossa parte, é contudo forçoso reconhecer que era essa unica politica que podia satisfazer aos interesses, aos preconceitos e ao orgulho offendido da Inglaterra. A esses homens eram devidos os triumphos que até então se haviam conseguido; por isso a elles competia continuar na luta: o principe de Galles como inglez partilhou tambem esta opinião, conservando-os no poder até que a Europa nemhum abalo mais sentisse em consequencia da revolução franceza.

O procedimento ulteriormente adoptado por Jorge IV, já como regente, já como rei, na direcção dos negocios internos da Inglaterra, foi sempre subordinado ao principio do interesse inglez. De todos os ministerios que succederam ao de Castlereagh que fôra o ultimo que accitava como herança a politica de Pitt, um não houve que fosse organizado segundo as affeições pessoais de Jorge IV. Não é isto devido a que desconhecesse a latitude de suas reaes prerogativas, mas sim porque soube exercel-as e reduzil-as ao que devem ser nas monarchias constitucionaes, onde taes attribuições se devem limitar á julgar da força relativa dos partidos; conhecer com exactidão as relações que entre elles existem e qual seja a opinião do paiz; comparar as capacidades collocadas á frente d'esses partidos e decidir-se por aquellas que devam dirigir o paiz em uma circumstancia dada.

Foi assim que a lord Castlereagh succedeu lord Liverpool, e lord Wellington a M. Canning. Jorge IV neut'uma affeição tinha a M. Canning, que no processo da rainha a elle se referira com muito pouca reserva. Tinha igualmente alguma indisposição contra lord Wellington pelos embaraços que elle suscitava ao governo de M. Canning.

Entretanto em 1825 chamou M. Canning, porque era então este Estadista quem na realidade se achava á testa do governo inglez—Chamou Lord Wellington, em 1827, porque então era elle o unico homem capaz de continuar o systema iniciado por Canning e de obter o consentimento da aristocracia que sempre se havia mostrado infensa a M. Canning.

Muito nos restaria ainda dizer se quizessemos fazer uma biographia completa de Jorge IV; tal porém não foi o nosso intento—

Julgamos que alguma utilidade haveria em expor algumas das phases politicas do reinado que ha pouco terminou na Inglaterra, pelo interesse que taes acontecimentos devem despertar em um paiz onde muitos dos problemas do governo representativo ainda não foram suscitados; onde, embora sejam conhecidos os verdadeiros principios, acham-se contudo elles entregues ao tactear de uma pratica incerta. Tudo o mais era de interesse mais ou menos extranho a nosso paiz e mesmo quem sabe se demais não desenvolvemos uma materia que antes parece competir ás investigações do historiador do que ás quotidianas considerações da politica.

NOTICIAS DIVERSAS.

Suicidio.—Lê-se no *Mercantil* de honrem:

«—Temos a lamentar o suicidio de uma linda rapariga que trabalhava como costureira em casa de Mme. Creten.

« Era natural da Belgica, onde nascêra na cidade de Liège em 1835. Chamava-se Joanna Eugenia Malchait. De caracter alegre e sem que se lhe conhecesse causa

intima de desgosto, parecia viver contente com a sua sorte.

« Domingo foi passar o dia com Mme. Creten no Engenho-Novo, onde jantaram ambas.

« Tendo voltado para casa, cantou ao piano até as 10 horas da noite, acompanhada por Mme. Creten.

« Quando se recolheu para o seu quarto, dizem as pessoas da casa que parecia estar de bom humor.

« O projecto sinistro estava, porém, de ha muito resolvido.

« No quarto tinha ella de ante-mão preparado uma especie de cesta cheia de carvão vegetal e suspensa por um desses arames que servem para guarnecer as saias-balões.

« Acendeu o braseiro e deitou-se sobre a cama pentada e vestida, como para conservar-se bonita ainda depois da morte.

« O que então se passou até o nascer do dia só Deos o poderá dizer.

« A agonia deve ter sido longa, porque, apesar de calafetadas com pannos, as portas e janellas sempre deixavam penetrar algum ar, que terá attenuado as ex-halações mortíferas do carvão.

« Dia alto notou-se a sua falta na sala de trabalho. Foram ao seu quarto e chamáram-a, como não respondesse, arrombáram a porta e encontráram um cadaver! Não deixou carta ou bilhete que indicasse os motivos da sua morte.

« Se houve um drama intimo naquella existencia de 24 annos, foi com ella para o sepulchro.

« A calma das ultimas horas que teve de vida faz suppor que, ou uma monomania suicida, ou uma dessas paixões que se occultam muitas vezes sob a mascara da alegria, a levou ao crime.

« De manhã no seu passeio ao Engenho-Novo tinha colhido muitas flores, que previa sem duvida teriam de ornar-lhe o leito do ultimo somno.»

Falta de braços.—Chamamos a attenção dos leitores para o communicado, que hoje publicamos, com o titulo—falta de braços—E' um appendice, que o Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva Guimarães faz a memoria, que já publicamos nesta folha, com o titulo de—Agricultura em Minas, e em que o autor desenvolve mais largamente suas idéas a respeito da questão, e demonstra com a maior lucidez que não é á falta de braços que se deve attribuir a carestia, que nos vexa, mas sim á falta de industria agricola.

PARTE LITTERARIA.

Os Timbiras, poema americano pelo Sr. Gonçalves Dias.

(Continuado do n. 56.)

O episodio de Coema é um pequeno oasis no meio dessa arida e descorada narração das proezas dos Timbiras, desentoadada e monotona como o abalroar continuo de tacapes que se cruzam no ardor das batalhas.

O roubo de Coema, *luz de amor, flôr de belleza*, e esposa do chefe dos Timbiras é traçada com vivacidade e energia; posto que ahi as imagens e as idéas sejam muito communs, ha contudo alguma viveza de colorido, mais melodia e cadencia metrica do que no resto do poema.

Citaremos um rasgo desse episodio, que nos parece caracterisar admiravelmente a indole fogosa e terrivel de Itajuba. Orapacên, o tapuia, que trahira a hospitalidade generosa, que encontrara nas

tabas do chefe dos Timbyras, roubando-lhe a esposa, ia lugindo com ella atravez das florestas no favor das trovões da noite. Ouçamos o poeta.

Val arrasta-la—, quando sente uns passos
Rápidos, breves,—volta-se;—Itajuba!
Grita, e os seus medrosos recelando
A perigosa luz, os fogos matam.
Mas, no extremo clarão, que elles soltaram,
Vio-se Itajuba com seu arco em punho,
Calculando a distancia, a força, e o tiro:
Era grande a distancia, a força humensa—
« E a raiva incrível, continúa o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!
Ficou-me o arco em dois na mão partido,
E a flecha vil cahio-me aos pés sem força. »
E assim dizendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a fronte opprime.

E' sem duvida de mui bello effeito essa vivacidade, com que o chefe impaciente interrompe o piaga, que lhe conta suas proprias façanhas, para narrar o fatal desrecho, que ainda lhe faz sangrar o coração da raiva, e de pesar. Se o Sr. Gonçalves Dias tivesse com mais frequencia destas inspirações, de certo o seu poema seria primoroso.

Não dissimularemos contudo, que nesse mesmo episodio existem algumas faltas, que muito lhe diminuem o merito. Descrevendo Coema o cantar diz:

..... O romper d'alva,
Se encantos panha a par de teus encantos,
Tentava embalde pleitear contigo.

Esse longo e diffuso palavreado, com que o poeta exprime essa comparação já mui seliga, em vez de dar-lhe ares de novidade, tira-lhe todo o encanto, que poderia ter se fôsse exposta com singeleza,

Flôr, que nasceste no musgoso cedro,
Cobravas pareas de abundante seiva,
Tinhas abrigo, e protecção das ramas...

A expressão — *cobrav pareas* — parece-nos eminentemente baixa e até sordida para applicar-se a uma belleza, á uma flôr. O ultimo verso, tão sem vida, tão sem côr, e que parece não exprimir nada, termina o periodo de um modo deploravel.

Os seguintes versos,—

Conta prodigios de uma raça estranha
Tão alva como o dia, quando nasce,
Ou como a arcia candida, e luzente,
Que as agoas de um regato sempre lavam.

são admiraveis de prosaismo; não se poderia melhor despir de seus encantos idéas poeticas por si mesmas.

Dirão que isto é simplicidade, mas julgamos, que a simplicidade não excute o colorido, e a elegancia.

Em outro lugar exclama Itajuba:

..... Inteira a noite
Louco vaguei,—corri de encontro as rochas,
Meu corpo lacei nos espinheiros,
Morai sem tino a terra já cansado.

Aquella—*ju cansado*—no fim do verso destrôe completamente toda a graça e a energia da pintura.

O final desse episodio é repassado de maviosa melancolia, e cadenciado em versos doces e harmoniosos; faz lembrar essas palidas e vaporosas visões, que tanto vagueam nos sonhos do cégo bardo da Caledonia.

Descansa agora o palido cadaver
(Continúa o cantor) junto a corrente,
Do regato, que volve arêas de ouro.

.....
Suspirada Coema, em paz descansa
No teu florido e funebre jazigo;
Mas quando a noite dominar no espaço,
Quando a lua coar humidos raios
Por entre as densas bulhiosas ramas,
Da candida neblina veste as formas,
E vem no bosque suspirar co'a brisa:
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
E á virgem, que adormece, amor inspira.

Veste, Coema, as formas da neblina.
Ou vem nos raios tremulos da lua,
Cantar, viver e suspirar comigo.

Depois do episodio de Coema segue-se o canto do louco Piahiba. Não sabemos bem, que papel representa esse louco no poema, e nem o que significam seus incompreensíveis cantos. Dando ao estylo desselouco ares da mais tosca singeleza, o Sr. Gonçalves Dias parece ter querido caracterisar da um modo vivo e original a rudeza de linguagem e de costumes desses selvagens; tel-o-ha conseguido: mas esse tom pesado, triste, e monotono, em que canta o louco Piahiba, lugubre como o guincho do noitibó, não offerece muito encanto a imaginação, e nem commove-nos a alma.

A idéa de fazer o pobre velho Ozib, já tão amofinado de cuidados, levar no meio da escuridão uma furiosa topada, e cahir lamentando-se aos pés do louco, não é das mais poeticas e felizes.

Passemos ao 2º canto.

Como o canto primeiro começa pela descripção da tarde, abre-se o segundo com uma descripção da aurora. Quasi que se pôde applicar a esta o mesmo que já dissemos da primeira. Essa pintura da aurora com côres mimosas e delicadas com traços miúdos, mas primorosos, sem se occupar com o que ha de magestoso e solemne nesse espectáculo, é mais proprio de um idílio, de um madrigal do que de um poema, que tem por herôes os selvagens guerreiros de Tupan, e por theatro as florestas virgens da America. As idéas e os versos do Sr. Gonçalves Dias nesse quadro são mesmo

Doce poeira de alfofradas gotas,
Ou pó subtil de perlas desfitas.

O epitheto—*doce*—é uma inconcebivel transgressão, já não diremos do bom gosto, mas até parece que de bom senso. *Poeira doce* é cousa que nenhum paladar pôde tragar. Aqui anda refinado gongarismo, ou cousa que o valha. O segundo verso citado nada mais é do que uma variante do primeiro, e por isso ocioso ou de mero enchimento.

Admira que o author, que em uns lugares affecta tão rude singeleza de estylo, que até roça pelo prosaismo e sensaboria, em outros use de imagans tão refinadas, de expressões tão guindadas, tocando assim por defeitos diametralmente oppostos, não fugindo de Scilla senão para esbarrar em Carybdis!

Dessa descripção o autor passa a uma especie de digressão sobre a sorte dos indios e os destinos da America. Nesse trecho, se não temos graves defeitos a notar, tambem não deparamos notaveis bellezas que nos prendam a attenção. Notamos entretanto os seguintes versos:

Virão nas nossas festas mais solemnes
Miríadas de sombras miserandas
Escarnecendo seccar o nosso o gelho
De nação; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa;
Ha de apagar-se, mas que brilha á gota;
E nós! sucamos leite máo na infancia,
Foi corrompido o ar que respiramos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

A maior parte destes versos só divergem da prosa pela symetria material, pelo numero de sillabas; ainda o terceiro verso é errado; conta uma sillaba demais. Escriptos á maneira de prosa, por ventura nenhum leitor se apperceberia de que ali andava medida metrica; o rythmo está tão fracamente marcado, que facilmente passaria desaperechido.

Isto quanto á fórma. Quanto ao conceito, parece-nos que ha exaggerada in-

dignação, demasiada maldicção contra a raça invasora; e que! por ventura, além da culpa original que herdámos de nossos primeiros pais, ainda havemos de carregá-las com mais essa, que nos legam nossos mais proximos ascendentes, e vivermos sob peso dessas maldicções, que o poeta com tanta injustiça quer que se extendão de pais á filhos e a netos até a ultima geração? Não; o poeta estava por certo de muito máo humor quando escreveu essa tirada: e por isso, arrastado por sua inspiração lugubre, antolhando sinistro e toldado de nuvens o futuro da America, exclama — *havemos de acabar talvez primeiro que a velha Europa!* — Longe vá o agouro!

Temos mais fé no porvir de nossa bella patria, e esperamos com confiança que tão sinistra predicção não se realizará, por ser mesmo contraria á ordem da natureza.

Pouco mais adiante se lêem alguns versos que exprimem uma idéa feliz. Fallando á America diz o poeta:

Velho tutor e avaro cubicou-te
Desvalida pupilla, a herança pingue,
E o brilho e os dotes de sem par belleza;
Cedeste, fraca, e entrelaçaste os annos
Da mocidade em flôr,—ás cans e á vida
Do velho que já pende e já declina
Do leito conjugal immerecido
A campa, onde talvez euitta encontrar-te!

O simile é bem achado; mas o merito é só do pensamento; a expressão nada tem de primorosa, a linguagem não é das mais vivas e pittorescas, e a metrificacão, como sempre, froxa e desleixada.

Do velho, que já pende, e já declina...

.....
A campa, onde talvez julga encontrar-te.

Que versos tão fracos e descoloridos na expressão!

No mesmo trecho, que acima citamos, em que o chefe dos Tymbyras corta bruscamente a palavra ao piaga, que lhe celebrava os feitos, nota-se o que ha de fraco, e pouco pittoresco no estylo do poeta. O piaga ficára neste verso:

Era grande a distancia, a força, immensa.

Então o chefe o interrompe, exclamando—*E a raiva incrível, etc.*

O Sr. G. Dias significa essa inerrupção pela palavra—*continúa*.

E a raiva incrível,—continúa o chefe,

A palavra—*continúa*—por ventura exprime a vivacidade e impaciencia do chefe nessa situação?

É este o estylo colorido e energico, qual o que convinha para dar realce a um movimento forte da alma do selvagem que rugira ao tocar-se-lhe na ferida, que ainda sangrava?

Dirão talvez, que com observações desta ordem levamos a critica a occupar-se de cousas por demais minuciosas, e insignificantes; mas cumpre notar, que uma palavra frouxa e mal cabida estraga muitas vezes o merito de uma passagem aliás bem concebida e bem executada. Demais, desleixos destes a cada passo se encontram no poema do Sr. Gonçalves Dias, e é por isso, que o seu estylo deixa de ser colorido, vivo e brilhante, como era para desejar.

Não acompanharemos os seguintes cantos com esta analysa detalhada, que muito prolongada se tornaria enfadonha.

Os defeitos que temos notado nos trechos analysados, reinam mais ou menos em todo o resto do poema.

Quando se enceta a leitura do poema dos—*Tymbyras*,—á vista do nome de seu illustre autor, a vista da riqueza e novidade do assumpto, á vista da promessa que nos faz de cantar as *festas e batalhas do povo americano*, esperamos em nossa

imaginação penetrar pelo seio de nossas florestas seculares, e no meio de uma natureza grandiosa em sua primitiva rudeza assistir ás festas, aos combates de seus broncos habitantes, observar seus ritos e crenças, seus costumes e usanças, entrar no interior de suas tabas, de suas ocaras, ver suas armas, seus utensilios; enfim devassar um mundo novo, como esse que Chateaubriand observou nas margens do Meshacebê, e que com sua poderosa e fecunda imaginação traçou com tão vivas côres no seu poema dos Natchez.

Mas, como temos visto, os *Tymbyras* em nada satisfazem a essa expectativa da imaginação.

Em outro artigo trataremos especialmente da metrificacão desse poema.

P. S. Appressamo-nos em rectificar um descuido em que cahimos, quando analysavamos a passagem em que o poeta descreve o indio *Jucá* com sua pelle de onça. Lendo com mais attenção esse trecho, pareceu-nos que o autor quer dizer que o indio trazia essa pelle em fórma de mascara, e que por conseguinte são delle esses olhos que lampejam nas orbitas vasias.

A culpa de termos cahido neste engano é o proprio poeta com seu estylo tão desmaiado, tão pouco pittoresco. As palavras:—*Cake lhe na frente a pelle vistosa*— não exprimem senão de um modo muito vago o pensamento do autor. A clareza e nitidez da expressão é uma das principais condicções da boa poesia. Muitas vezes o estylo por fraco e descolorado, torna-se obscuro.

(Continúa.)

COMMUNICADO.

Formiga, 15 de outubro.

FALTA DE BRAÇOS.

Temos falta de braços por que todos o dizem; é uma idéa recebida e proclamada; um enunciado, que firmou-se com a autoridade de these. Temos falta de terras, porque os factos o demonstram; e por tanto entre aquillo que geralmente se diz, e aquillo que claramente se observa, ha palpavel contradicção. Falta de terras é uma proposição que implica esta outra—excesso de braços—; é como a anti-these em frente da these.

E será preciso provar que as terras nos faltam?

Quem viaja a provincia de Minas, encontra nas estradas familias que emigram todos os dias dos municipios mais antigos para os mais novos e para o sertão: o mez passado duas familias numerosas emigraram de Prados, e estabeleceram-se junto desta comarca: outra grande familia emigrou de Barbacena, e foi-se estabelecer no municipio de Tres-Pontas. Perguntai-lhes porque emigram e ellas vos dirão:—«nossas terras estavam cansadas; muito trabalho e pouca colheita. Alguns annos essa pequena producção foi devorada em espiga pelo gado dos vizinhos, por que nossas matas não nos ministraram madeiras para um bom cercado.»

Vendemos nossas terras a um fazendeiro, e com o producto da venda compramos boas matas, neste paiz.

Ao senhor de escravos, igualmente as terras vão faltando, e incessantemente procura elle augmentar o espaço para compensar a fraqueza progressiva do solo. No fim de contas o trabalho duplica, a colheita mingua, os escravos morrem, e o fazendeiro vê em redor de si um deserto, e o desanimo arranca-lhe a banal exclamação.—Não ha quem trabalhe!!!

Meu caro patricio amigo e Sr.

Pela segunda vez recorro á sua benevolencia pedindo permissão para apresentar-me candidato á vaga que acaba de deixar o Sr. senador Vergueiro, esperando que neste intuito V. S. se digne auxiliar-me com o seu voto, e efficaz apoio.

Dirigindo-me ao distincto corpo eleitoral mineiro, procuro obter directamente a necessaria protecção de quem melhor m'a pôde dar, dos meus patricios eleitores, de cuja generosidade tenho por vezes recebido honrosas provas.

A nossa Constituição collocando a soberania na Nação, consignou a igualdade politica, que se tornaria ephemera sem o justo equilibrio da liberdade e autoridade. Firme na sustentação destes principios, e na dos interesses mineiros, offereço aos meus patricios o meu passado por garantia do futuro; e certo de que em materia eleitoral está a cima de tudo a benevolencia do eleitor, espero com fé recabel-a de V. S. de quem me honro confessar

Amigo e patricio affectuoso e grato
DR. LUIZ CARLOS DA FONSECA.

O illustre empunhador da rolha compra-se em reconhecer que a constituição collocou a soberania na nação e consagrou a igualdade politica.

Muito bem. Até aqui as doutrinas do Sr. Luiz Carlos são perfeitamente catholicas.

Quando porém S. S. afirma que em materia de eleição a benevolencia do eleitor está acima de tudo cabe em peccado de heresia.

Em materia de eleição está acima de tudo o bem do paiz, o merecimento e independencia do candidato.

A escolha do candidato não é o exercicio de um direito privado; é uma função publica, em que a benevolencia não entra por motivo determinador.

O incangavel candidato offerece o seu passado como garantia do futuro.

Rolha no passado, o Sr. Luiz Carlos promette ser rolha no futuro.

A franqueza é digna de elogio.

NOTICIAS DIVERSAS.

Lê-se no Mercantil:

« O subdelegado da freguezia de Jacarepaguá, tendo noticia de que em uma casa de sua jurisdicção pernoitava um preto fugido, deu as necessarias providencias para captural-o. Cercada a casa e encontrado o habitante nocturno, deu-lhe voz de preso o inspector do 15.º districto. O preto, porém, com rapidez notavel deu um profundo golpe no proprio ventre, servindo-se de uma faca sem ponta que tinha na mão.

Procedeu-se a corpo de delicto e reconheceu-se que o ferimento é mortal.

Interrogado o desgraçado, declarou chamar-se Marcellino, ser filho de uma das provincias do norte, cujo nome de proposito calámos, e haver fugido ha cerca de um anno, depois de ter assassinado seu senhor (cujo nome tambem declarou), receiando horrivel vingança, em consequencia de um inqualificavel abuso praticado por elle réo na pessoa de uma sua senhora moça ainda menor.

Mirem-se neste espelho os apologistas da escravidão. »

Publicação. — Publicou-se o 18.º caderno da *Galeria dos contemporaneos*, pelo Sr. Sisson, contendo as biographias e retratos dos Srs. marquez de Valença, barão de Caçapava e conselheiro Saraiva.

Approveitamos esta occasião para dirigirmos nossos applausos ao Sr. Sisson

pela feliz idéa que teve encetando essa publicação, e pela perseverança e zelo com que tem continuado, apesar do não ter encontrado da parte do nosso publico aquelle acolhimento favoravel e animador que era de se esperar para uma empreza tão util e tão nacional. E' esse infelizmente o fado de todas as tentativas dessa natureza em nosso paiz; e é por isso que mais louvavel se torna a nossos olhos a boa vontade e constancia com que o Sr. Sisson tem perseverado no seu trabalho, sem recuar diante das difficuldades.

A publicação do Sr. Sisson é uma collecção preciosa, não só pelo seu merito intrinseco, como pela nitidez e perfeição de sua execução material, notando-se sobretudo a semelhança dos retratos e sua nitida execução lythographica. Todos aquelles que se interessam pelas cousas do paiz, e que desejam conhecer os nossos principaes homens politicos, devem procurar possuil-a.

Hospital marítimo de Santa Isabel da Jurujuba. — O pequeno lazareto fundado na Jurujuba por occasião de uma das primeiras visitas que nos fez a febre amarella, foi posteriormente convertido em um magnifico hospital permanente destinado a receber doentes de mar.

O edificio com todas as dependencias, segundo nos informa uma pessoa fidedigna, tem custado ao estado mais de 140:000\$. Ainda ultimamente se despendeu a avultada somma de 96:000\$ em concertos.

Se comtudo isso se tivesse obtido um bello edificio nas melhores condições hygienicas: bem. Mas, ao que nos asseguram, o constructor do hospital tomou as cousas mui ao pé da letra, e para que nada faltasse ao hospital para ser marítimo, o edificou sobre um grande lago.

O hospital está montado com grandeza e magnificencia; tem um director, quatro medicos, um chefe da escripturação, dois immediatos, uma legião de serventes, e demais um vapor á sua disposição, de modo que só com o pessoal despende-se annualmente para mais de 40:000\$!

Entretanto querem saber qual o numero de doentes actualmente tratados no hospital? Varia entre quatro e seis!

O pensamento que presidiu a fundação do hospital da Jurujuba, é um pensamento muito generoso. Nós de to lo o coração o applaudimos. A caridade porém não está no desperdicio.

O sentimento humanitario não aconselha que se gastem annualmente 40 e tantos contos com um hospital, em que o numero de doentes ordinariamente tratados é tão limitado.

Conserve-se o hospital; mas reduza-se o pessoal á menores proporções, até pô-lo em harmonia com as exigencias do serviço. Nem se diga que o pessoal é apenas sufficiente nos dias de epidemia e que portanto deve ser conservado.

Porque uma epidemia é possível não se segue que o hospital deva estar constantemente montado como se ella já existisse. Toda a instituição humana toma por base a curso normal das cousas, e não a excepção. Para os casos extraordinarios remedios extraordinarios.

Nestes tempos de hoje dispender 40:000\$ com um hospital, em que se trata um tão insignificante numero de doentes é uma criminoso prodigalidade.

Comissão. — O Sr. ministro da fazenda encarregou de uma importante commissão o Sr. Dr. Manoel Antonio de Almeida, que fizera parte da antiga redacção do *Correio Mercantil*, exercera o cargo de administrador da typographia nacional, e

ha pouco fora nomeado 2.º official da secretaria da fazenda.

O Sr. Dr. Almeida tem de fazer um resumo historico da administração de fazenda do imperio, sendo este trabalho dividido em duas partes, contendo a 1.ª o tempo anterior, e a 2.ª o tempo posterior á independencia, especializando: 1.ª, a criação do cada imposto e suas transformações com as causas que influiram no augmento ou diminuição do seu producto; 2.ª, o systema monetario com tudo quanto fôr relativo ás operações do troco de cobre, emissão de cedulas e seu resgate; 3.ª, a instituição e desenvolvimento dos estabelecimentos de credito no paiz, desde o primeiro banco, inclusive a caixa da amortização.

Esta medida do Sr. ministro da fazenda é de reconhecida conveniencia, e, sendo devidamente levada a effeito, será de um auxiliar muito util á administração de fazenda.

— A camara municipal do Ouro-Preto concluiu a apuração dos votos da eleição senatorial. O correio não trouxe, segundo nos informam, as participações officiaes; de uma carta, porém, do Ouro-Preto extrahimos a noticia seguinte do resultado:

Votos julgados liquidos pelos collegios eleitoraes.

T. Ottoni	927
Barbosa	907
Teixeira de Souza	661
Firmino	519
Cruz Machado	499
Mello Franco	358

Votos tomados em separado, quasi todos por não estarem as eleições primarias approvadas ainda pelo senado.

T. Ottoni	38
Barbosa	34
Teixeira de Souza	12
Firmino	16
Cruz Machado	25
Mello Franco	10

— Lê-se no *Mercantil* de 26 do corrente.

— A camara municipal, a quem foram presentes duas representações, uma do Sr. Dr. José Jorge da Silva e outra dos açougueiros e cortadores de carne, demonstrando a primeira os inconvenientes da medida tomada pela mesma camara de admittir livremente ao corte no matadouro o gado que se apresentar, sem exclusão ou privilegio, e a segunda sustentando tal medida, reuniu-se hontem em sessão extraordinaria para deliberar a respeito.

O Sr. Dr. chefe de policia foi assistir á sessão por convite que lhe dirigiu a camara e deu informações verbaes que a mesma julgou indispensaveis para seu esclarecimento.

As duas representações foram entregues ao Sr. vereador Haddock Lobo, que terá de apresentar sabbado o seu parecer.

A questão é grave, porque diz respeito a uma das primeiras necessidades da população; a camara não quererá por certo mostrar-se pouco zelosa dos interesses dos seus municipes.

— Lê-se no *Correio da Tarde* de 28 do corrente. — Consta que o Sr. ministro da fazenda trabalha activamente em um plano de reforma da caixa da amortização, sendo esta repartição incorporada ao thesouro.

PARTE LITTERARIA.

Os Timbiras, poema americano pelo Sr. Gonçalves Dias.

(Continuado do n. 57.)

O metro é incontestavelmente um dos principaes e mais poderosos instrumentos

da poesia; se o metro é desleixado e negligente, se apenas contamos as syllabas para salvar a exactidão da medida do verso, melhor seria, que escrevessemos em prosa.

Como mui judiciosamente observa o Sr. A. F. de Castilho, o metro tem duas propriedades mui distinctas entre si — a harmonia, e a melodia. — A harmonia é a consonancia imitativa da phrase, é a analogia do som com a idéa, é a onomatopéia. A melodia é essa cadencia bem marcada e musical do verso, essa bem compassada e fluente construcção, que caracteriza principalmente os versos de Bocage. Filinto, que não é fluente e melodioso, como Bocage, produziu prodigios de harmonia metrica. A sua ode ao — *Estro* —, além de ser um modelo de riqueza e vigor de linguagem, é admiravel de harmonia metrica. O Sr. Castilho, na — *Noite do Castello* — e nos — *Ciumes do Bardo* — possui ambas essas qualidades em grão eminente.

Hoje infelizmente a maior parte de nossos poetas contemporaneos tratam com o maior desdem a metrificacão, ou parecem ignorar absolutamente os seus segredos. A melodia é de sobejo desdenhada entre elles; a harmonia, tambem parece que não a procuram.

A rima invadio todos os generos de composições de curto folego, e correndo ansiosos após a rima, nossos poetas tem menos presado o metro.

O nosso verso heroico, essa medida metrica, tão cheia, tão flexivel, tão harmoniosa, que tantos recursos offerece ao poeta, é manejada por nossos escriptores de um modo deploravel.

Para exemplo disto, que levamos dito, ahí está o poema, que presentemente analisamos, — os *Timbyras* do Sr. Gonçalves Dias. Parece, que o Sr. Gonçalves Dias escreveu primeiramente em prosa o seu poema, e depois passou a arranjar as palavras de maneira, que enchessem a medida metrica, sem se importar, que os versos assim arranjados ficassem fortes ou fracos na harmonia, suaves ou asperos, seccos ou cheios, quebrados a proposito, ou não, etc., etc.

E nem se acoime de demasiadamente severo este juizo, que formamos da metrificacão desse poema. Quem quizer compenetrar-se bem da exactidão desta nossa observação, leia primeiramente um trecho de Camões, de Filinto, de Bocage, de Garret, de Caldas, de Basilio da Gama no seu poema do Uruguay, ou da *Noite do Castello*, e depois abra o livro do Sr. Gonçalves Dias, e passo a ler uma pagina a esmo, e então sentirá claramente que o Sr. Gonçalves Dias não metrifca; mede versos, conta syllabas.

O Sr. Gonçalves Dias, manejando outros metros, que não o verso solto, e auxiliando-se da rima em suas composições ligeiras, metrifca muitas vezes com summa felicidade; mas seu verso solto é lastimosamente prosaico, sem harmonia, nem melodia.

Citemos. A difficuldade está na escolha do trecho em um poema, onde os versos cheios e harmoniosos são tão raros. Portanto abramos o seu livro a esmo.

Mais respeito, mancebo, ao sabio velho,
Que eramos nós crianças, manejava
A seta e o arco em defensão dos nossos
Tú, velho, mais prudencia. Entre nós todos,
O primeiro sou eu; Jaty, teu filho
E' forte e bravo, porém novo. Eu mesmo
Gabo-lhe o porte e a gentileza; e os feitos
Noveis applaudo: bem maneja o arco,
Vibra certaíra a frecha... mas... (surrindo
Prosegue) afóra delle inda ha, quem saiba
Etc.

Creemos que todo o mundo sente quanto esses versos são baldos de melodia e de cadencia metrica. Parece que de proposito o autor procurou nivelal-os com a mais rasteira prosa.

Além de não possuírem os versos dos Timbyras harmonia nem melodia, são quebrados a todo o momento e fóra de todo o proposito. Não é assim que procedem os grandes mestres da arte.

Devemos ser mais parcios no uso dessa liberdade de concluir um pensamento no meio do verso em qualquer syllaba indistinctamente. De outra sorte os versos correrão como que coxeando ou tropeçando, e affectam o ouvido de um modo summamente desagradavel, como se póde notar nos versos acima citados, e mais ainda nos seguintes :

Enquanto Jurney com pé ligeiro
Caminha, as aves docemente atitão,
De ramo em ramo, — docemente o bosque
A medo rumoreja : — um borborinho
Confuso se propaga ; — um raio incerto
Dilata-se do sol doirando o oaso. †

Esse desapiedado furor de cortar ao meio o verso pelo sentido destróe aqui todo o effecto da descripção, matando completamente a melodia, sem dar-lhe nenhuma harmonia imitativa. O quebramento do verso não deve ser feito assim a todo o transe, e a esmo, mas sim inspirado por um bem determinado motivo de gosto. Citemos um exemplo de Castilho na *Noite do Castello*

Um círculo de círculos, que gyram,
Gyra em vortice leve ao som troado
De uma torrente harmonica. — Trasmuda
O mestre experto as cordas de repente, etc...

Aqui mui de proposito o poeta parece ter quebrado aquelle verso, fazendo com a palavra — trasmuda — no fim a mesma passagem brusca, que faz o musico de um tom para outro trasmudando de repente as cordas do instrumento.

Leiam-se ainda estes versos :

Haja sentido occulto no teu sonho,
(Diz ao guerreiro o pági) eu, que levanto
O véo do tempo, e aos mortaes o mostro,
Dir-to-hei por certo, mas en creio e tenho
Que algum genio turbou-te a phantasia,
Talvez agoera de traidor Gamella :
Que os gamellas são perdidos em morte,
Como em vida. — Assim é, diz Itajuba.

E' tão notavel a insipidez e frieza destes versos, que nos escusa de fazer observação alguma. Lê-los é condemna-los.

O undecasilabo portuguez é de admiravel flexibilidade ; presta-se a todos os tons, e, por assim dizer, a todos os compassos, conforme o exigir a natureza do pensamento, que se tem a exprimir, pela facultade que tem o poeta de pôr nesta ou naquella syllaba os accentos dominantes do verso. Assim póde elle ser já rapido e vivo, já pausado, e vagaroso, já lepidado e ligeiro, já magestoso e grave, já fluente e mavioso, já hirto e crespo, se o poeta bem souber mauear a lingua e o rythmo.

Entretanto a versificação dos— Timbyras, bem como a de quasi todos os nossos poetas de hoje, é sempre inflexivel, e monotona ; o accento dominante trabalha quasi sempre na mesma syllaba. Por isso em todo o poema apenas se depara um ou outro vislumbre de onomatopéya.

Queríamos ser mais explicitos no desenvolvimento da idéa que acabamos de enunciar ; mas isso nos levaria muito longe, e falta-nos espaço, e receíamos que nos falte tambem a paciencia, do leitor para nos acompanhar nesta analyse, que já vai por demais longa.

Terminaremos aqui esta mui ligeira

analyse do poema do Sr. Gonçalves Dias. Vimos em os artigos precedentes, que ao estylo do Sr. Gonçalves Dias faltam muitas qualidades ; que é elle em geral desmaiado, fraco, prosaico, sem vivacidade e sem cor. Neste artigo temos visto, que esse poema tambem não prima pela boa versificação. Se a linguagem do Sr. Gonçalves Dias não pinta, o seu verso não canta ; ora sem pintura e musica, sem cores e harmonia, não póde haver boa poesia.

Portanto essa produção do illustre autor dos *primeiros, segundos e ultimos cantos* — perdoe-nos elle a franqueza, não passa de mediocre.

A razão, porque a musa do Sr. Gonçalves Dias, que já devassara regiões tão elevadas, veio a rastejar tanto nos Timbyras, nos presumimos ser a seguinte :

O poeta vendo seus *cantos* geralmente applaudidos, sem que se lhes fizesse a menor censura, e sem que delles se fizesse escolha, sendo, que muitos delles são inteiramente destituídos de merito, e estão ao par, e mesmo abaixo dos *Timbyras*, vendo seu nome apregoadado como o de um poeta original, grande e de primeira força, assentou, que tudo quanto calhisse do bico de sua penna, era bello, era precioso.

Assim escreveu um poema ao *correr da penna*, e lançou-o ao publico.

Não sabemos, que impressão tem feito ; mas parece-nos que tem sido pouco lido ; porém todos o reputam bom, porque é obra do Sr. Gonçalves Dias.

Releve-nos o author e ta franqueza de linguagem ; usando della julgamos fazer um serviço ás letras patrias, e ao proprio autor, a quem talvez a falta de critica, e as lisonjas exageradas da imprensa, fazendo-o crear demasiada confiança em seu proprio talento, aturaram na senda do máo gosto.

Que importa porém tenha sido mal succedido esse poema ?

Em compensação o fertil e brilhante talento do Sr. Gonçalves Dias póde nos dar ainda mais de um chefe de obra. †

COMMUNICADO.

o estadista da situação.

Este caracter é o do homem publico que tendo firmado no parlamento a bandeira de suas crengas e projectos, e chamado ao poder em nome das opiniões que professava, toma as redeas da governança para reduzir á pratica as suas theorias.

Pensava-se quando se annunciou a organização do gabinete que tal posição era a do Sr. conselheiro Ferraz. Acreditou-se que S. Ex. cujas opiniões financeiras eram sabidamente oppostas as do gabinete dissolvido, subira em nome dellas, e procurando cercar-se de auxiliares das mesmas idéas trataria de realisá-las.

Quem procedesse por diverso modo apoderando-se da situação creada por tão energica manifestação parlamentar, na intenção de trahir os naturaes compromissos que assim contrahia, procedera como o ratoneiro, que penetra em uma casa com semblante alegre e submisso, pedindo ser empregado como copeiro, só com o fim de agadanhar a baixella.

Foi o que fez infelizmente o Sr. conselheiro Ferraz.

Sabe todo o mundo que S. Ex. apenas empolgou a pasta, começou a cortejar tristemente as influencias cahidas ; *vê-se hoje* que não era outro o motivo de sua

vergonhosa tergiversação, quando interpellado acerca da reforma bancaria, que acabava de morrer de croup.

A offerta da pasta do imperio ao Sr. Almeida Pereira, um dos mais illustros defensores do projecto, não tinha diversa significação ; e mais expressiva é a das circunstancias que caracterisaram a ascensão de S. Ex. ao poder, tendo como é notorio, offerecido suas condições, e só depois da acceitação, dellas assumido o cargo de ministro da corda.

As clausulas desta negociação ficaram em sombra de misterio, que os actos posteriores do gabinete deviam esclarecer.

A publicação do decreto de 30 de setembro definiu a situação. O art. 10, cujo resultado necessario será recolher-se toda emissão dos bancos excepto o do Brazil, estabelece sem reboço a unidade bancaria, e o monopólio, peão em que girava toda a machina do Sr. Salles defendida com calor pelo Sr. Almeida Pereira. S. Ex. portanto impoz as suas idéas ao ministerio, ou soube que as tinha *in petto* o Sr. Ferraz, quando guerreava seus antecessores, *sómente para subir* : as explicações mostraram a S. Ex. que tinha no Sr. Ferraz um aliado e não um adversario, como o publico sinceramente acreditava. e então o Sr. Almeida Pereira tomou conta da situação *que era sua*.

Esta posição é clara, e a ninguem illude : o Sr. Almeida Pereira não trahio suas opiniões, em quanto pensou, como o parlamento, que oppostas eram as idéas do gabinete, recusou a pasta, e só nente a aceitou depois que soube que o Sr. conselheiro Ferraz estava decidido a subordinar-se a S. Ex., affrontar o voto dos representantes da nação, e atrahioçar á aquelles que o elevaram.

O Sr. Almeida Pereira é sem duvida o *Estadista da Situação*. Não o ergueu o voto do parlamento, nem se houve coherencia, o sustentará : mas é S. Ex. o unico ministro, que tem o direito de apparecer aos deputados, de cabeça erguida e sem corar.

Esta posição se comprehende e se respeita ainda no mais temido, ou mais aborrecido adversario.

Mas a posição do Sr. conselheiro Ferraz.

CORRESPONDENCIAS.

CALHÃO, 4 DE OUTUBRO DE 1859.

Saudéi com enthusiasmo o apparecimento da sua folha, porque desde os primeiros numeros pude verificar que a sua nobre bandeira abrigava toda a sorte de perseguidos, e que se arrostava os figurões da côrte, muito sobranceira estava aos potentados da aldéa. Valha pois a *Actualidade* a milhares de Mineiros, que são o ludibrio da brutalidade, da prepotencia e das extorsões de uma familia de regulos insuportaveis. Aceite-me a *Actualidade* para seu correspondente ; patentecem-se os desmandos dos nossos oppressores e talvez a providencia nos depare com algum presidente que abstrahindo das necessidades electoraes, restabeleça aqui o imperio da lei, demitta os prevaricadores, e faça punir os assassinos.

Este novo municipio da villa do Arassubi—Calháo outr'ora—tem a existencia a mais anormal e desgraçada que é possível. Entregue ao dominio da familia do commandante superior Ignacio Carlos Moreira Murtha soffre silencioso o mais feroz despotismo. Abra o espaço a *Actualidade* ao grito dos opprimidos. Contando com favoravel deferimento vou principiar a tarefa que me impuz, escrevendo a ver-

dadeira e tragica historia do Ribeirão do Santo Antonio presentemente debatida civilmente no fóro de Minas Novas e que será levada aos tribunaes da côrte ; é uma causa celebre e nella são protogonistas o commandante superior Ignacio Carlos Moreira Murtha, seu filho o deputado Candido Freire de Figueiredo Murtha, e seu genro o subdelegado Manoel Cesario de Figueiredo Murtha.

Ha mais de cem annos Thomé de Barros comprou do mestre de campo F. as terras do ribeirão de Santo Antonio no districto da Itinga, Thomé de Barros e sua descendencia mais de cincoenta annos estiveram na mansa e pacifica posse das suas terras onde abriram diversas fazendas. Ha quarenta ou cincoenta annos Felipe Rodrigues de Gouvêa, homem desordeiro, fazendo uma picada das salinas, veio sahir ao Santo Antonio e ali pretendeu installar-se como possessor. Os proprietarios que eram os descendentes já numerosos de Thomé de Barros oppuseram-se vigorosamente ao intruso. Felipe Rodrigues tinha invadido o Santo Antonio acompanhado de bons capangas, e em consequencia matou na contenda um filho ou neto de Thomé de Barros. Mas como Felipe Rodrigues não era deputado provincial, nem commandante superior, nem subdelegado foi processado, e metido na cadeia. Dos factos precedentes ha tradição segura, e posso proval-os com documentos e testemunhas de vista. O que vou dizer em seguida é fielmente extrahido de uns autos memoraveis existentes no segundo cartorio de Minas-Novas,—Escrivão Pires. E' uma acção (por Libello) de esbulho, e de despejo. São partes o commandante superior Ignacio Carlos Moreira Murtha (autor) e João da Matta o um grande numero de familias (réos).

Consta destes autos que Roque Rodrigues Caldeira vendera á Antonio Mariano de Carvalho (título a fl. 14) o ribeirão do Santo Antonio declarando-se no titulo pura, e simplesmente possessor de descobrimento, e virtualmente confessando que lá existiam outras com morada habitual, e cultura effectiva. O titulo é de 1829. Parece que Roque Rodrigues foi companheiro de Felipe Rodrigues na tentativa de occupação que foi malograda anteriormente pela opposição dos proprietarios. Antonio Mariano de Carvalho querendo lançar fóra das terras es proprietarios reconheceu o seu nenhum direito, e para ficar senhor ao menos de um quinhão na grande fazenda comprou em 1830 seu direito a Mathias de tal que suppoz genro de um filho ou neto de Thomé de Barros quando apenas era casado com uma engeitada da casa. Em consequencia os herdeiros fizeram ao titulo de 1830 que está nos autos a fl. 16 a mesma opposição que ao de 1829. E Antonio Mariano de Carvalho que não era commandante superior nem deputado provincial, nem subdelegado, abriu mão de toda a pretensão contra os proprietarios que desde 1833 até 1851 ficaram na mansa e pacifica posse da sua fazenda. Mas as terras do Santo Antonio cada dia cresciam de valor, e preciosas como são parece que excitaram a cobiça do commandante superior Ignacio Carlos Moreira Murtha. O certo é que em 1851 dous protegidos para não dizer espoletas do commandante superior compraram ao velho Antonio Alves de Carvalho pai e herdeiro de Antonio Mariano de Carvalho, os direitos que este pudesse ter ás terras do Santo Antonio. O titulo desta compra está nos autos a fl. 19. Os compradores em vez de irem pedir a justiça, que os empossasse das terras que tinham comprado, e que estavam em poder de terceiros armaram uma numerosa escolta de capangas, e apesar de inuteis reclama-